

A CRIANÇA AUTORA: NARRATIVAS INFANTIS E ESCRITA CRIATIVA NA ESCOLA PÚBLICA**THE CHILD AS AUTHOR: CHILDREN'S NARRATIVES AND CREATIVE WRITING IN PUBLIC SCHOOLS****EL NIÑO COMO AUTOR: NARRATIVAS INFANTILES Y ESCRITURA CREATIVA EN LAS ESCUELAS PÚBLICAS**

10.56238/revgeov17n4-090

Andréa King de Abreu Yamaguchi

Mestre em Educação

Instituição: Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

E-mail: andyamaguchi@gmail.com

Orcid: 0000-0002-5297-8794

Mariana Moraes Camacho Reis

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal Fluminense (UFF)

E-mail: moraesm378@gmail.com

Orcid: 0009-0008-7379-4020

RESUMO

Este artigo analisa práticas de escrita criativa desenvolvidas no contexto da escola pública, compreendendo-as como possibilidades de constituição da criança enquanto autora de suas experiências. O texto assume caráter teórico-analítico, ancorado na sistematização de experiências docentes, conforme perspectiva de Jara (2006), articulada a registros pedagógicos e reflexões produzidas no cotidiano escolar. O referencial teórico dialoga com a pedagogia crítica de Freire, a perspectiva dialógica de Bakhtin, as reflexões de Benjamin sobre infância e experiência e os estudos do letramento de Soares. A análise evidencia tensões entre práticas escolares normativas e propostas que valorizam a experiência infantil, indicando que a escrita, quando vinculada às vivências das crianças, favorece processos de autoria, expressão e produção de sentidos. Conclui-se que reconhecer a criança como sujeito de linguagem implica deslocar a escrita de um lugar instrumental para um espaço de criação, interpretação e participação social.

Palavras-chave: Escrita Criativa. Infância. Letramento. Narrativa. Escola Pública.

ABSTRACT

This article analyzes creative writing practices developed in public school contexts, understanding them as possibilities for the constitution of children as authors of their own experiences. The study adopts a theoretical-analytical approach grounded in the systematization of teaching experiences (Jara, 2006), articulated with pedagogical records and reflections from everyday school life. The theoretical framework draws on Freire's critical pedagogy, Bakhtin's dialogical perspective, Benjamin's reflections on childhood and experience, and Soares' literacy studies. The analysis highlights tensions



between normative school practices and proposals that value children's lived experiences, indicating that writing, when connected to these experiences, fosters authorship, expression, and meaning-making. The study concludes that recognizing children as subjects of language requires shifting writing from an instrumental task to a space of creation, interpretation, and social participation.

Keywords: Creative Writing. Childhood. Literacy. Narrative. Public School.

RESUMEN

Este artículo analiza las prácticas de escritura creativa desarrolladas en el contexto de las escuelas públicas, entendiéndolas como posibilidades para la constitución del niño como autor de sus propias experiencias. El texto adopta un carácter teórico-analítico, anclado en la sistematización de las experiencias docentes, según la perspectiva de Jara (2006), articulada con registros pedagógicos y reflexiones producidas en la vida cotidiana de la escuela. El marco teórico dialoga con la pedagogía crítica de Freire, la perspectiva dialógica de Bajtín, las reflexiones de Benjamin sobre la infancia y la experiencia, y los estudios de alfabetización de Soares. El análisis revela tensiones entre las prácticas escolares normativas y las propuestas que valoran la experiencia infantil, indicando que la escritura, cuando se vincula a las experiencias de los niños, favorece los procesos de autoría, expresión y construcción de significado. Concluye que reconocer al niño como sujeto del lenguaje implica trasladar la escritura de un lugar instrumental a un espacio de creación, interpretación y participación social.

Palabras clave: Escritura Creativa. Infancia. Alfabetización. Narrativa. Escuela Pública.



1 INTRODUÇÃO

A produção escrita na escola pública, especialmente nas turmas dos anos iniciais do ensino fundamental, tem se configurado, na prática pedagógica, como um campo tensionado entre as exigências escolares e as experiências concretas das crianças. A partir da sistematização de vivências docentes em uma escola pública situada em contexto urbano, observa-se a recorrência de situações em que a escrita é experimentada pelos estudantes como tarefa normativa, frequentemente associada ao cumprimento de exigências formais, como extensão do texto, organização estrutural e correção linguística.

Os registros pedagógicos produzidos ao longo da prática docente evidenciam que, diante de propostas de produção textual, são comuns enunciados como “quantas linhas precisa ter?”, “tem que ser grande?” ou “posso escrever pouco?”, indicando uma relação com a linguagem escrita orientada mais por exigências externas do que pela construção de sentidos. Tais manifestações, longe de expressarem simples desinteresse, revelam modos de apropriação da linguagem mediados por práticas escolares que nem sempre dialogam com as vivências e os repertórios infantis.

Paralelamente, outras situações presentes no cotidiano escolar apontam para deslocamentos significativos quando a escrita é proposta em articulação com experiências cotidianas, memórias, territórios e interesses dos estudantes. Nessas circunstâncias, percebe-se maior engajamento, ampliação da participação e emergência de narrativas mais autorais, nas quais as crianças mobilizam elementos de sua vida social, cultural e afetiva.

As experiências docentes sistematizadas permitem problematizar a compreensão da escrita escolar como prática homogênea, indicando que sua significação depende, em grande medida, das condições de produção e das mediações pedagógicas que a sustentam. Nessa perspectiva, a resistência à escrita pode ser interpretada não como incapacidade ou desmotivação individual, mas como efeito de práticas descontextualizadas que restringem a linguagem a um uso instrumental.

Diante desse cenário, este artigo propõe analisar práticas de escrita criativa desenvolvidas no cotidiano de turmas dos anos iniciais, compreendendo-as como possibilidades de constituição da criança enquanto autora de suas próprias narrativas. O estudo, fundamentado na sistematização de experiências e em reflexões produzidas na prática escolar, contribui para o debate pedagógico sem pretender generalizações estatísticas. A partir de uma abordagem teórico-analítica, busca-se evidenciar como propostas que valorizam a experiência infantil podem favorecer processos de autoria, expressão e construção de sentidos no espaço escolar.



2 INFÂNCIA, LINGUAGEM E EXPERIÊNCIA: BASES TEÓRICAS

A partir de vivências pedagógicas registradas com turmas dos anos iniciais em escola pública, tensionam-se concepções normativas de escrita, valorizando-se sua potência como prática de significação na experiência infantil.

Nessa direção, a contribuição de Freire (1987) é fundamental ao afirmar que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Tal formulação permite compreender que o ato de escrever não se inicia no domínio do código, mas na relação que os sujeitos estabelecem com sua realidade. Os registros pedagógicos mostram que, quando a linguagem escrita se distancia das experiências das crianças, tende a ser percebida como atividade mecânica; em contrapartida, quando se aproxima de seus contextos de vida, amplia-se sua significação.

Em diálogo com essa compreensão, Bakhtin (1997) entende a linguagem como fenômeno essencialmente dialógico, constituído na interação entre sujeitos e atravessado por múltiplas vozes sociais. As práticas observadas no cotidiano escolar evidenciam que a escrita infantil não pode ser entendida como produção isolada, mas como enunciação situada.

As reflexões de Benjamin (2002) sobre a infância contribuem ao evidenciar o caráter inventivo e criador das crianças. Ao observar práticas pedagógicas em que a escrita se articula ao lúdico e à imaginação, percebe-se que elas mobilizam recursos expressivos que escapam aos modelos escolares tradicionais.

No campo dos estudos do letramento, Soares (1998), em diálogo com Kleiman (1995) e Street (1984), destaca que a escrita deve ser compreendida como uma prática social, o que implica considerar não apenas sua dimensão técnica, mas também seus usos, funções e significados. Nessa perspectiva, os letramentos são múltiplos e atravessados por relações de poder e cultura.

As vivências pedagógicas examinadas indicam que, quando inseridas em práticas de letramento significativas, as crianças se engajam de forma mais ativa, apropriando-se da escrita como forma de expressão e participação social, conforme também apontam Barton e Hamilton (1998) ao discutirem os letramentos do cotidiano.

Articulando esses referenciais, compreende-se que a escrita criativa pode constituir-se como espaço de mediação entre experiência, linguagem e identidade.

3 CAMINHOS METODOLÓGICOS

O presente estudo insere-se no campo das abordagens qualitativas e se configura como ensaio teórico-analítico, fundamentado na sistematização de experiências docentes, conforme proposto por Jara (2006).



Parte-se da compreensão de que o cotidiano escolar constitui um espaço legítimo de produção de conhecimento, sendo possível, a partir de sua análise crítica, construir interpretações sobre processos educativos.

O corpus analítico é composto por registros pedagógicos, anotações reflexivas e produções textuais desenvolvidas em práticas de escrita criativa, tomados como materialidades que permitem problematizar a relação das crianças com a linguagem escrita.

O estudo orienta-se por uma perspectiva interpretativa de inspiração temática, buscando identificar recorrências, tensões e sentidos produzidos nas práticas observadas, em diálogo com o referencial teórico.

4 ENTRE RESISTÊNCIA E POSSIBILIDADE: SENTIDOS DA ESCRITA

Os registros produzidos no cotidiano escolar mostram que a relação das crianças com a escrita é marcada por ambivalências, expressas em diferentes situações vividas na escola. Em propostas mais tradicionais, centradas na reprodução de modelos ou no cumprimento de critérios formais, emergem manifestações recorrentes de resistência, frequentemente associadas ao cansaço, à dificuldade e à pouca identificação com a atividade.

Tais enunciados, quando analisados à luz de Bakhtin (1997), podem ser compreendidos como vozes sociais que expressam não apenas percepções individuais, mas experiências compartilhadas no interior de práticas escolares historicamente constituídas. Como argumenta Possenti (2012), a aprendizagem da escrita não se efetiva por meio de exercícios descontextualizados, mas em práticas significativas de uso da linguagem, o que ajuda a explicar as resistências observadas quando a escrita é proposta de forma mecânica e desvinculada da experiência. Desse modo, a resistência à escrita revela tensões entre diferentes concepções de linguagem: de um lado, uma perspectiva normativa e instrumental; de outro, a possibilidade de uma escrita como prática de expressão e produção de sentidos.

Por outro lado, diferentes episódios observados indicam que, quando a escrita é proposta a partir de experiências significativas — como memórias, vivências cotidianas ou temas de interesse dos estudantes —, ocorre um deslocamento na forma como os alunos se relacionam com a atividade. Nessas circunstâncias, observa-se maior envolvimento, ampliação do tempo de dedicação e maior complexidade nas produções.

Essa mudança pode ser compreendida, à luz de Freire (1987), como resultado da aproximação entre linguagem e experiência, na medida em que os sujeitos passam a escrever a partir de sua leitura do mundo. Assim, a escrita deixa de ser percebida como tarefa imposta e passa a constituir-se como prática significativa.



5 ESCRITA CRIATIVA E PRODUÇÃO DE NARRATIVAS

A sistematização das vivências pedagógicas indica que a escrita criativa, quando incorporada às práticas escolares, pode favorecer processos de autoria e engajamento dos estudantes.

Os registros analisados revelam que as produções textuais apresentam elementos como repetição, ritmo, rima e forte presença da oralidade, o que evidencia um processo de apropriação da linguagem escrita ainda em construção, mas profundamente significativo. Em vez de serem interpretadas como falhas, tais características podem ser compreendidas, conforme Soares (1998), Kleiman (1995) e Tfouni (1995), como parte constitutiva das práticas de letramento.

Nesse contexto, a escrita criativa configura-se como prática que amplia as possibilidades de expressão, permitindo que as crianças experimentem diferentes formas de dizer o mundo. A diversidade temática presente nas produções reforça a ideia de que o texto ganha sentido quando vinculado à experiência.

Além disso, a incorporação de práticas lúdicas no processo de escrita contribui para deslocar a atividade de um lugar estritamente normativo para um espaço de criação. Em diálogo com Benjamin (2002), é possível compreender esse movimento como expressão do caráter inventivo da infância.

6 ESCRITA, IDENTIDADE E CRÍTICA SOCIAL

As produções examinadas indicam que a escrita infantil pode constituir-se como espaço de construção identitária e de elaboração crítica da realidade. As narrativas produzidas pelas crianças revelam percepções sobre o cotidiano, as relações sociais e as experiências de vida, indicando que o texto opera como forma de interpretação do mundo.

Em diálogo com Freire (1987), pode-se afirmar que tais produções configuram-se como expressões da leitura do mundo realizada pelos sujeitos, evidenciando que a escrita não se restringe à codificação linguística, mas envolve processos de significação e posicionamento.

As práticas acompanhadas indicam que, quando inseridas em propostas pedagógicas que valorizam suas experiências, as crianças passam a se reconhecer como autoras, assumindo uma posição mais ativa na produção de conhecimento. Esse movimento contribui para o fortalecimento da autoestima, do pertencimento e da participação.

Além disso, a presença de temas relacionados a desigualdades, desafios cotidianos e relações sociais aponta para a dimensão crítica da escrita infantil. Ainda que expressas de forma inicial, tais narrativas revelam a capacidade das crianças de refletir sobre o mundo em que vivem, articulando linguagem e experiência.



7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou que práticas de escrita criativa, quando articuladas às vivências das crianças, podem favorecer processos significativos de autoria, expressão e produção de sentidos no contexto escolar.

Os registros pedagógicos permitiram compreender que a resistência à escrita não deve ser interpretada como incapacidade individual, mas como efeito de práticas descontextualizadas que limitam a linguagem a um uso instrumental.

Ao contrário, quando a escrita se aproxima das experiências dos estudantes, observa-se um deslocamento em sua significação, passando a constituir-se como espaço de criação, interpretação e participação social.

Como limite, destaca-se que a análise se ancora em experiências situadas no cotidiano escolar, não tendo como objetivo a generalização dos resultados, mas a problematização de práticas e sentidos.

Ainda assim, o estudo contribui para o campo educacional ao reforçar a importância de práticas pedagógicas que reconheçam as crianças como sujeitos de linguagem, capazes de narrar, interpretar e transformar o mundo em que vivem.



REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BARTON, David; HAMILTON, Mary. Local literacies: reading and writing in one community. London: Routledge, 1998.
- BENJAMIN, Walter. Reflexões sobre o brinquedo, a criança e a educação. São Paulo: Editora 34, 2002.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- JARA, Oscar. Para sistematizar experiências. 2. ed. Brasília: Ministério do Meio Ambiente, 2006.
- KLEIMAN, Angela B. Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de português na escola. In: GERALDI, João Wanderley (org.). O texto na sala de aula. São Paulo: Anglo, 2012.
- SOARES, Magda. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- STREET, Brian. Literacy in theory and practice. Cambridge: Cambridge University Press, 1984.
- TFOUNI, Leda Verdiani. Letramento e alfabetização. São Paulo: Cortez, 1995.

